

## "Totus tuus!"

O mês de maio começou com a beatificação de João Paulo II, que se abandonava nas mãos da Virgem com estas palavras "Totus tuus ego sum!" (sou todo teu). Oferecemos umas palavras do novo bem-aventurado sobre a Mãe de Deus.

05/05/2011

Maria, a Mãe, está em contato com a verdade do seu Filho somente na fé e mediante a fé! Portanto, é feliz porque "acreditou"; e acredita dia a dia, no meio de todas as provações e

contrariedades do período da infância de Jesus e, depois, durante os anos da sua vida oculta em Nazaré. (Redemptoris Mater, 17)

Antes do que qualquer outro, o próprio Deus, o Pai eterno, se confiou à Virgem de Nazaré, dando-lhe o próprio Filho no mistério da Encarnação. (RM, 39)

Maria aceitou a escolha para ser mãe do Filho de Deus, guiada pelo amor esponsal, o amor que "consagra" totalmente a Deus uma pessoa humana. Em virtude desse amor, Maria desejava estar sempre e em tudo "entregue a Deus", vivendo na virgindade. As palavras: "Eis a serva do Senhor!" comprovam o fato de ela desde o princípio ter aceitado e entendido a própria maternidade como dom total de si, da sua pessoa, ao serviço dos desígnios salvíficos do Altíssimo. (RM, 39).

A maternidade de Maria que se torna herança do homem é um dom: um dom que o próprio Cristo faz a cada homem pessoalmente. O Redentor confia Maria a João, na medida em que confia João a Maria. Aos pés da Cruz teve o seu início aquela especial entrega do homem à Mãe de Cristo, que ao longo da história da Igreja foi posta em prática e expressa de diversas maneiras. (RM, 45)

A figura de Maria de Nazaré projeta luz sobre a mulher enquanto tal, pelo fato exatamente de Deus, no sublime acontecimento da Encarnação do Filho, se ter confiado aos bons préstimos, livres e ativos da mulher. Pode, portanto, afirmar-se que a mulher, olhando para Maria, nela encontrará o segredo para viver dignamente a sua feminilidade e levar a efeito a sua verdadeira promoção. A luz de Maria, a Igreja lê no rosto da mulher os reflexos de uma beleza, que é espelho dos mais

elevados sentimentos que o coração humano pode albergar: a totalidade do dom de si por amor; a força que é capaz de resistir aos grandes sofrimentos; a fidelidade sem limites, a laboriosidade incansável e a capacidade de conjugar a intuição penetrante com a palavra de apoio e encorajamento. (RM, 46)

O Rosário, de fato, ainda que caracterizado pela sua fisionomia mariana, no seu âmago é oração cristológica. Na sobriedade dos seus elementos, concentra a profundidade de toda a mensagem evangélica, da qual é quase um compêndio. Nele ecoa a oração de Maria, o seu perene Magnificat pela obra da Encarnação redentora iniciada no seu ventre virginal. (Rosarium Virginis Marie, 1)

Desde a minha juventude, esta oração teve um lugar importante na minha vida espiritual. O Rosário acompanhou-me nos momentos de

alegria e nas provações. A ele confiei tantas preocupações; nele encontrei sempre conforto. (...) recitar o Rosário nada mais é do que contemplar com Maria o rosto de Cristo. (RVM, 2-3)

A contemplação de Cristo tem em Maria o seu modelo insuperável. O rosto do Filho pertence-lhe sob um título especial. Foi no seu ventre que Se plasmou, recebendo d'Ela também uma semelhança humana que evoca uma intimidade espiritual certamente ainda maior. À contemplação do rosto de Cristo, ninguém se dedicou com a mesma assiduidade de Maria. (RVM, 10)

Cristo é o Mestre por excelência, o revelador e a revelação. Não se trata somente de aprender as coisas que Ele ensinou, mas de “aprender a Ele”. Porém, nisto, qual mestra mais experimentada do que Maria? Se do lado de Deus é o Espírito, o Mestre

interior, que nos conduz à verdade plena de Cristo (cf. Jo 14, 26; 15, 26; 16, 13), de entre os seres humanos, ninguém melhor do que Ela conhece Cristo, ninguém como a Mãe pode introduzir-nos no profundo conhecimento do seu mistério. (RVM, 14)

A história do Rosário mostra como esta oração foi utilizada especialmente pelos Dominicanos, num momento difícil para a Igreja por causa da difusão da heresia. Hoje encontramos-nos diante de novos desafios. Porque não retomar na mão o Terço com a fé dos que nos precederam? O Rosário conserva toda a sua força e permanece um recurso importante na bagagem pastoral de todo o bom evangelizador. (RVM, 17)

« A plenitude dos tempos » manifesta a extraordinária dignidade da « mulher ». (...) A « mulher » é a

representante e o arquétipo de todo o gênero humano: representa a humanidade que pertence a todos os seres humanos, quer homens quer mulheres. Por outro lado, porém, o evento de Nazaré põe em relevo uma forma de união com o Deus vivo que pode pertencer somente à « mulher », Maria: a união entre mãe e filho. A Virgem de Nazaré torna-se, de fato, a Mãe de Deus. (*Mulieris dignitatem*, 4)

Cristo está sempre consciente de ser « servo do Senhor », segundo a profecia de Isaías (cf. 42, 1; 49, 3. 6; 52, 13), na qual se encerra o conteúdo essencial da sua missão messiânica: a consciência de ser o Redentor do mundo. Maria, desde o primeiro instante da sua maternidade divina, da união com o seu Filho que « o Pai enviou ao mundo, para que o mundo fosse salvo por ele » (cf. Jo 3, 17), insere-se no serviço messiânico de Cristo. É precisamente este serviço que

constitui o fundamento próprio do Reino, no qual « servir ... quer dizer reinar ». Cristo, « Servo do Senhor », manifestará a todos os homens a dignidade real do serviço, com a qual anda estreitamente ligada a vocação de todo homem. (MD, 5)

« Grandes coisas fez em mim »: esta é a descoberta de toda a riqueza, de todos os recursos pessoais da feminilidade, de toda a eterna originalidade da « mulher », assim como Deus a quis, pessoa por si mesma, e que se encontra contemporaneamente « por um dom sincero de Si mesma ». (MD, 11)